

Um evento multilinguagens

Divulgação



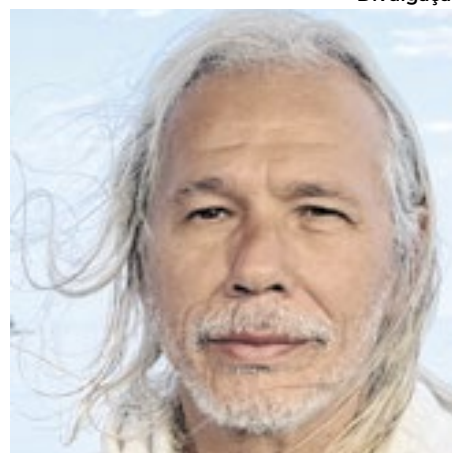
A Flup chega à 14ª edição mobilizando multidões em sua programação multicultural

ENTREVISTA / JÚLIO LUDEMIR, ESCRITOR E ORGANIZADOR DA FLUP

‘A gente quer redesenhar a palavra ‘periferia’ em toda a sua potência’

Uma das vozes de maior impacto na literatura de investigação do crime no Brasil dos 2000, catapultado ao estrelato com “No Coração do Comando”, o olindense radicado no Rio Julio Ludemir reinventou-se como um produtor de eventos ao criar a FLUP em duo com Écio Salles (1969-2019). Não abandonou as reflexões da escrita, a partir das quais gerou livros preciosos como “Rim Por Rim”, mas passou a se debruçar mais e mais à triagem e ao estudo das ações de decolonização. Na entrevista a seguir, ele explica o que muda em seu festival com a ida para a coração geográfico do Povo de Rua na cidade.

Divulgação



O que a Lapa simboliza culturalmente para a FLUP 2024?

Julio Ludemir: Foi uma escolha territorial em função das ações do G20, no Museu de Arte Moderna, a fim de fazer com que os líderes mundiais todos lá presentes prestem atenção às vozes que estamos reunindo. Se eles não reconhecerem a relevância das mulheres pretas, das populações indígenas e da comunidade queer, nada do que vão dizer há de atender o mundo contemporâneo e suas urgências. A Lapa é um lugar que recebe todo mundo.

Você morou na Lapa?

Vivi lá na década de 1990, numa Lapa que era dos malandros, das travestias, de casas abandonadas, bem diferente da cena de hoje. Era uma época em eu que ligava para a família, em Pernambuco, de um orelhão de fichas e, quando demorava muito, alguém na fila me ameaçava, dizendo: “Vou chamar um malandro para te tirar daí”.

Essa Lapa “noventista” ou a Lapa de hoje, ou mesmo a mais ancestral, estão na literatura?

O grande livro sobre ela é “Lábios Que Beijei”, do Aguinaldo Silva, um autor nordestino queer que pensou a cidade. Fora isso, a Lapa ganhou o samba, que a devolveu a seu lugar e origem, mas ela não ganhou a literatura contemporânea como deveria. Não há um

“Cidade de Deus” da Lapa. Nem a Lapa da classe média foi para a literatura.

Em 12 anos, o que mais mudou na Flup?

Quando a Festa Literária das Periferias nasceu, ela foi entendida como projeto social, como um gesto que, no máximo, identificava quem eram as vozes autorais periféricas. A gente era visto pela classe média como “ação social que dava oportunidade aos ferrados do mundo”. Pouco a pouco, com muito empenho e com escuta, viramos um festival multimídia e multiplataforma. Nossa musculatura foi torneada para ocupar outro imaginário na cidade, no país e do mundo, criando para si um lugar de fala para os combates decoloniais. A FLUP é das mulheres, é das populações pretas, de indígenas, da macumba. É com essas representações que a gente quer redesenhar a palavra “periferia” em toda a sua potência.

Você tem origem judia, ou seja, é ligado ao povo de uma das maiores diásporas da História. O que existe de diaspórico na Flup?

Seguimos o conceito de Atlântico da (ativista e pesquisadora) Beatriz Nascimento, segundo o qual o mundo ganhou identidade a partir das águas, sem fronteira. É um mundo Oxum.

No cardápio arquitetado por Ludemir, que segue até domingo, rolam atrações imperdíveis como o show “Pérolas Negras”, com Alaide Costa, Zezé Motta e Eliana Pittman, nesta quinta, às 21h30. No sábado, às 17h, o ator e diretor francês Jacques Martial vai passar pela Festa para uma ação performática inspirada no mítico poema “Diário Do Retorno Ao País Natal”, escrito pelo martinicano Aimé Césaire (1913-2008) cujos versos são considerados um monumento lírico da cultura da diáspora das Áfricas e ganham carga sinestética eletrizante no filtro da voz e da movimentação de Martial, que se identifica com a crise migratória cantado por Césaire.

“É importante apresentar Aimé Césaire no Brasil porque ele promove o orgulho negro, algo fundamental nos dias de hoje”, disse Martial ao Correio da Manhã.

Além dele, vai ter gente do mundo todo se expressando nessa maratona cultural, que reúne prosa, poesia, música, ensaio teórico e manifestações religiosas de matrizes africanas em reflexões sobre ancestralidades e combates ao ranço do colonialismo. A anglo-nigeriana Bernardine Evaristo, que vem lançar “Sr. Loverman”, é uma das estrelas estrangeiras da deleção estrangeira da Festa em 2024. Outra sensação vinda do exterior é a equatoriana Yuliana Ortiz Ruano, que traz o romance “Febre de Carnaval” ao Rio.

Ao longo de 12 anos de Flup, 200 mil pessoas já prestigiaram suas bossas, curtindo palestras, rodas de samba, saraus, apresentações de passinho, embates de slam, shows de hip-hop, performances teatrais e jiras, que já mobilizaram poetas de 60 países. Por suas fileiras passaram 1.350 escritoras/es de renome e delas foram gerados 30 livros, entre eles “La-royê; Cartas Para Exu”, que será lançado no dia 16, às 17h, na Casa de Luzia. Como incubadora de talentos, a Festa formou cerca de 200 roteiristas em seu Laboratório de Narrativas Negras, que recebeu gigantes do cinema como Laurent Cantet, ganhador da Palma de Ouro de 2008 por “Entre os Muros da Escola”.

Já teve Flup no Morro dos Prazeres, em Vigário Geral, na Mangueira, na Babilônia, no Vidigal, na Cidade de Deus, na Maré, na Biblioteca Parque, no MAR e na Providência. Agora, é a vez da turma lapeira ouvir, falar, cantar, ler e celebrar com seu Povo de Rua.

A programação completa da Flup pode ser conferida no site do Correio através do link <https://acesse.dev/UDCbh>